

VIAGEM DE 7.500 KM À CROÁCIA



Depois de já termos percorrido muitas dezenas de milhar de quilómetros, de moto, na "velha Europa", este ano e a conselho de um ilustre amigo, escolhemos como destino a Eslovénia e a Croácia, o primeiro, membro da nova Europa dos vinte e cinco e, o segundo, candidato ao alargamento.

Não podíamos ter feito melhor escolha. Foi, sem sombra de dúvidas, a nossa melhor viagem a seguir à incursão por terras Norueguesas, realizada em 2003.

A viagem, iniciada a 7 de Junho, teve uma duração de 14 dias, 7 dos quais em viagem, aos comandos das nossas potentes motos, passando por sete países e percorrendo um total de aproximadamente 7.500 kms. Como destino final e para não variar, escolhemos uma ilha, desta feita a paradisíaca ilha de Brac, um dos mais belos e procurados destinos turísticos da Croácia, onde gozamos uma inesquecível e repousante semana de praia. A viagem incluiu também, entre outras, uma visita à cidade Eslovena de Piran, uma magnífica cidade medieval junto ao Mar Adriático, e à cidade Croata de Dubrovnik, que nos obrigou a uma atribulada incursão por território da Bósnia-Herzegovina.

1º dia – 7 de Junho de 2005 – 598 kms



A aventura começou efectivamente com o levantamento das motos no transitário em Lisboa, na manhã de 7 de Junho. No entanto, e porque nesse dia abateu-se uma onda de calor sobre o Continente Português, achamos por bem iniciar a viagem ao fim da tarde. Assim foi, só que, mesmo a essa hora, apanhamos cerca de 42º ao passar por Santarém, o que nos obrigou a uma paragem forçada numa área de serviço para nos refrescarmos e beber água.

Apesar do intenso calor, voltamos à estrada, em direcção à Guarda e Vilar Formoso, pela A23, atravessando a fronteira de Espanha por volta das 20:30 horas, seguindo depois para Salamanca, onde jantamos. Porque havia que recuperar o tempo perdido devido à saída tardia de Lisboa, fizemos ainda mais 80 kms até Valladolid, onde chegamos pelas 01:00 da madrugada, pernoitando no Hotel NH Ciudad de Valladolid (com um preço muito elevado para a qualidade oferecida), percorridos que estavam os primeiros 598 kms.

2º dia – 8 de Junho – 1.288 kms

Saímos de Valladolid pelas 8:30, rumo a França, na tentativa de chegar neste mesmo dia a Menton, cumprindo assim o programa inicialmente proposto. Assim foi. Passamos por Burgos iniciando a descida para San Sebastian por uma sinuosa auto-estrada, a acompanhar um riacho, com paisagens muito bonitas. Pelas 12:30 atravessamos a fronteira com a França, a seguir a Irun, só parando para almoçar perto de Lourdes, num excelente restaurante de estrada com vista para os Pirinéus, que se apresentavam especialmente bonitos nesse dia, ainda com alguma neve a cobrir os picos mais altos da cordilheira.

Na primeira paragem para reabastecimento, já em território francês, ficamos espantados com o preço da gasolina – 1,27 euros por litro !

De volta às excelentes mas dispendiosas auto-estradas francesas (nesse dia passamos por mais de 15 portagens, pagando aproximadamente 100 euros no total), passamos por Narbonne, Montpellier, Marselha e, já ao fim da tarde, Cannes, Nice e o Mónaco, com o por de sol a emprestar um tom dourado às colinas que abraçam estas belíssimas cidades da Riviera Francesa, ou Côte D'Azur, como é melhor conhecida.

Chegamos a Menton, a última cidade do Sul de França antes da fronteira Italiana, onde já havíamos ficado na viagem do ano anterior, até à Sardenha, e que tanto havíamos gostado, eram já cerca das 21:00 horas. Foi só tempo de tomar um revigorante duche no nosso já conhecido Hotel Princess & Richmond, tentando nos restabelecer dos 1.288 km percorridos neste dia, num bom ritmo, jantando num dos muitos restaurantes da marginal, frente ao tranquilo e espelhado mar Mediterrâneo.

Estávamos cansados mas satisfeitos por termos conseguido recuperar o tempo perdido no primeiro dia de viagem.

3º dia – 9 de Junho – 762 kms

Depois de uma noite tranquila e repousante em Menton, estávamos prontos a iniciar uma das etapas mais esperada da nossa viagem, ou seja, a visita à Eslovénia, a que se seguia a Croácia.

Só deixamos o hotel em Menton pelas 10:00 horas, atravessando a fronteira Italiana, 15 minutos depois, em Vintemiglia. Seguiu-se a sempre bonita mas sinuosa auto-estrada que bordeja a Riviera Italiana, com vistas sumptuosas sobre San-Remo, Savona e Génova. Não fosse a poluição que enfrentamos ao atravessar os muitos túneis desta estrada de montanha, diria que é uma das estradas mais desafiantes de Itália em termos de condução. Contudo, foi precisamente nesta estrada que apanhei o primeiro susto da viagem. Um automobilista italiano quase me atirava para fora da estrada quando, inadvertidamente, mudou de faixa de rodagem sem aviso prévio, numa velocidade muito apreciável. Valeu-me a eficiente actuação do ABS da minha FJR para evitar o pior.

Infelizmente, e já perto de Génova, o céu azul que se fazia sentir de manhã, encobriu rapidamente e até chegamos a apanhar alguma chuva, com a temperatura a baixar substancialmente até Veneza. Pelo caminho almoçamos num restaurante da nossa já conhecida cadeia Auto-Grill, perto de Cremona, parando em seguida, junto ao Lago di Garda, para descansar um pouco e apreciar a grandiosidade da paisagem.

Entre Verona e Veneza o trânsito era intenso, o que nos obrigou a ziguezaguear por entre as longas filas de carros e camiões TIR, que por vezes, chegavam mesmo a parar. Mas conseguimos recuperar o tempo perdido na auto-estrada que liga Veneza a Trieste, já perto da fronteira da Eslovénia, que atravessamos pelas 17:00 horas.

Infelizmente o meu GPS não tinha os mapas actualizados da antiga Europa do Leste pelo que, logo após atravessarmos a fronteira, perdemo-nos numa das muitas auto-estradas recém construídas da Eslovénia. Valeu-nos a ajuda de um guarda fronteiriço para reencontrarmos a direcção certa até Piran, uma pequena cidade medieval da costa Eslovena, onde pernoitamos no Hotel Piran, muito bem localizado frente ao mar Adriático, a um preço muito acessível. Se já estávamos muito bem impressionados com a excelente rede viária da Eslovénia, ficamos ainda mais encantados quando começamos a descer em direcção à pitoresca cidade de Piran, onde chegamos pelas 18:00 horas, depois de percorridos mais 762 kms.

Foi só tempo de arrumar rapidamente as motos, as malas e tomar um revigorante duche para iniciarmos a visita a esta pequena cidade, um autêntico museu ao ar livre, com as suas estreitas vielas medievais, encimadas pela imponente Catedral de S.Jorge e, por detrás, um grande castelo. Felizmente o sol voltara a brilhar, o que nos permitiu assistir, já à hora do jantar, a um radioso por de sol na esplanada de um restaurante à beira-mar.

4º dia – 10 de Junho – 487 kms



No dia seguinte levantamo-nos bem cedo para continuar a nossa visita a Piran, subindo até à sua Catedral, com uma vista soberba sobre a cidade e cujo interior tivemos o privilégio de visitar graças à gentileza de uma simpática idosa, encarregada da limpeza. Passeamo-nos ainda pela praça central e pela bem apetrechada marina, antes de regressar ao hotel e retomar a nossa viagem rumo à Croácia (Hrvatska de seu nome original), mais precisamente à cidade de Split, eram cerca das 10:30 da manhã.

Antes passamos ainda por Portoroz, outra conhecida estância de veraneio Eslovena, mais turística mas muitíssimo bem arranjada, cheia de espaçosos jardins, muito floridos.

Atravessamos a fronteira entre a Eslovénia e a Croácia pelas 11:20, seguindo depois em direcção a Rijeka, para tomarmos a bonita mas sinuosa estrada secundária A8, que bordeja o Adriático até à cidade de Split, onde nos esperava o ferry para a vizinha ilha de Brac, o destino final desta nossa viagem.

Foi uma delícia percorrer quase toda a costa Croata, a poucos metros do mar e a ritmo moderado, para apreciar convenientemente as paisagens, de rara beleza, proporcionadas pelas muitas baías recortadas da costa e pelas centenas de ilhas que podemos avistar (das 1.185 ilhas da costa Croata, também conhecida, por esta razão, como as Caraíbas do Adriático), fazendo-nos sentir, nalguns locais, como que a passear num arquipélago.

Nesse dia almoçamos em Senj, num espaçoso restaurante junto à estrada, com uma varanda debruçada sobre o mar, onde começamos a nos aperceber da tranquilidade da vivência Croata. O som do mar, afagando as rochas, só era ocasionalmente interrompido pelo roncar das muitas motos com que nos cruzamos nesse dia, sobretudo de colegas Alemães e Holandeses.

À tarde continuamos a nossa viagem pelo litoral, até Split, embora o céu tenha ficado subitamente encoberto e a temperatura descido até aos 17º. Aliás, praticamente toda a

nossa viagem de ida foi marcada por um tempo muito instável. Ora um céu azul e um calor quase insuportável, ora um tempo escuro e sombrio, quase chuvoso.

Antes de chegar a Split, passamos ainda pelas cidades costeiras de Zadar e pela cidade património de Trogir, qualificada pela Unesco, e que infelizmente não tivemos oportunidade de visitar porque já se fazia tarde para apanhar o último ferry da Jadrolinija com destino à ilha de Brac, o que aconteceu às 21:00 horas, percorridos que estavam mais 487 kms.

Depois de uma viagem de 50 minutos, chegávamos a Supetar, na ilha de Brac, seguindo de imediato para o Hotel Pastura, na tranquila vila piscatório de Postira, onde ficamos muitíssimo bem instalados durante a revigorante semana de praia que gozamos em Brac, só interrompida durante um dia para uma inesquecível visita à cidade de Dubrovnik, mais conhecida como a "pérola do Adriático".

5º e 6º dia – 11 e 12 de Junho



Depois de instalados no Hotel Pastura, onde fomos muitíssimo bem recebidos - obrigado Toni Buljevic, Michael, Adriana e todo o restante pessoal do hotel que nos receberam de forma tão amável e hospitaleira, tornando ainda mais agradável a nossa estadia em Brac – passamos todo o primeiro dia na belíssima praia de Zlatni Rat, um ex-líbris da Croácia, uma enorme língua de areia que se estende, em forma de triângulo, sobre o Adriático. Havia que recuperar a energia consumida ao longo dos últimos quatro dias de viagem, em que percorremos 3.135 kms.

Embora, e nos dias que se seguiram, tenhamos quase sempre frequentado esta bela praia, aproveitamos as tardes para explorar a lindíssima ilha de Brac. Com uma área de apenas 398 km², a ilha está repleta de pitorescos recantos e magníficas baías, rodeados por muitas vilas e aldeias de casario branco, quais presépios muito bem arrançados, a que se juntava, invariavelmente, uma bonita e antiga igreja, no centro do povoado. Aliás, a pedra branca de Brac é famosa. Foi com esta que se construíram muitos monumentos na Europa e nos Estados Unidos, como é o caso da Casa Branca, em Washington.

Para além da beleza e do sossego da ilha, a hospitalidade, amabilidade e cultura da população, que quase sempre falava Francês ou Inglês, não deixou, também, de nos impressionar pela positiva.

7º e 8º dia – 13 e 14 de Junho



Depois de mais uma manhã de praia, à tarde voltamos a vestir o nosso equipamento motard para apanhar o ferry das 18:00 horas para Split, de onde rumamos à cidade de Dubrovnik, para uma visita de um dia.

Chegados a Split rumamos a Sul, percorrendo cerca de 200 kms, sempre pela estrada costeira, com umas altas e imponentes montanhas de pedra de um lado e o calmo mar Adriático de outro, onde pelas 20:30 se escondeu o astro rei, depois de um lindíssimo por de sol, que salientou ainda mais o recorte contrastante das montanhas continentais, mergulhando abruptamente no mar, repleto de pequenas ilhas.

Ao contrário do que havíamos previsto, chegamos à fronteira da Bósnia-Herzegovina era já noite. Aí aconteceu o segundo episódio desagradável da viagem. Ao atravessar os escassos 12 kms em território Bósnio e depois de passarmos por uma vila muito degradada e com mau aspecto, eis que deparo com um grupo de polícias mal-

encarados, que me mandam parar porque, supostamente, havia passado a localidade em excesso de velocidade. Depois de um diálogo de surdos (os Bósnios falavam muito pouco inglês), os três polícias, com aspecto ameaçador, rodearam a nossa moto, pediram-me os documentos e obrigaram-nos a ir até ao carro da polícia, onde nos mostraram um arcaico controlador de velocidade, com a indicação de 62 km/h. Porque a moto do casal Paz Ferreira seguia mesmo atrás de nós, assim como outros carros que não foram "incomodados", ainda solicitei uma foto da minha moto, que obviamente não dispunham, fazendo ainda troça de mim por tal pedido.


Comecei a não gostar da "brincadeira" até que me perguntaram quanto e qual o dinheiro que trazia. Obviamente não respondi pelo que, depois de uns olhares ameaçadores, para meu espanto, pediram-me "apenas" 25 euros. Como não tinha euros paguei o correspondente em moeda Croata (200 kunas). Apercebendo-me que aquilo era um autêntico assalto, perpetrado por um "gang de polícias armados", apressei-me a dar-lhes o dinheiro, sem antes pedir ainda um recibo como "recordação", o que obviamente me foi negado. Afinal o dinheiro era mesmo "para os copos", como confirmei posteriormente no hotel em Brac. Tratava-se de uma operação habitual para extorquir dinheiro aos turistas. E tive muita sorte de pagar apenas uns míseros 25 euros, certamente porque trazia pouco dinheiro trocado na carteira.

Apesar deste lamentável episódio, a viagem até Dubrovnik valeu mesmo a pena. Tivemos a oportunidade de visitar, à chegada, o centro da cidade velha à noite, e, no dia seguinte, toda a cidade e a imponente muralha que rodeia as suas bonitas catedrais, conventos e mosteiros, incluindo uma bem conservada sinagoga e a farmácia mais antiga da Europa (fundada em 1318 pelos Franciscanos), que também visitamos. Não há dúvida que Dubrovnik é, de facto, a "pérola do Adriático", um local obrigatório para quem visita a Croácia.

No regresso de Dubrovnik, feito na tarde do dia 14 de Junho, e para não ser de novo "incomodado", atravessamos o território Bósnio a 40 km/h. Mesmo de dia aqueles escassos quilómetros têm muito mau aspecto, com um piso em péssimo estado. Voltei a sentir alguma intranquilidade ao passar pelos sinais que, na estrada, indicavam a direcção para Sarajevo e Mostar, palcos de guerra até há bem poucos anos.

Poucos quilómetros depois, já na Croácia, passamos por uma série de belos e tranquilos lagos, dois dos quais, curiosamente, nos fizeram lembrar a Lagoa das Sete Cidades em miniatura, mas sem eutrofização.

Para encurtar a viagem de regresso, optamos por apanhar um ferry em Makarska, directo a Sumartin, no extremo oriental da ilha de Brac. Isto permitiu-nos chegar ao hotel à hora do jantar, a que se seguiu o habitual e tranquilo serão, passado no bar do hotel, mesmo em frente ao mar, com o pequeno porto de Postira em fundo, apenas ouvindo, de quando em vez, alguns rouxinóis que, juntamente com as andorinhas e borboletas, abundam por entre os pinhais e olivais de Brac.

9º ao 11º dia – 15 a 17 de Junho 

Tal como nos dias anteriores, continuamos a passear pela ilha de Brac, ora fazendo praia, ora banhando-nos nos muitos portinhos da ilha, aliás assaz parecida com a ilha do Pico. Não fosse o colorido branco dos povoados, o sul da ilha de Brac, de onde se avista a vizinha ilha de Hvar, muito estreita e comprida, em muito nos fez lembrar o canal Pico – São Jorge.

12 ° dia – 18 de Junho – 1.215 kms

Foi com muita pena que, às 06:30 da manhã, embarcamos no ferry novamente em direcção a Split, chegando assim ao fim a nossa memorável estadia na ilha de Brac onde, ainda assim, percorremos cerca de 800 kms, muitos deles feitos sem capacete, cujo uso era facultativo na ilha, não contando com os 368 kms realizados aquando da visita a Dubrovnik.

No ferry, durante a viagem, um cartaz turístico da Croácia chamou-me a atenção. Por cima de uma bonita foto, lia-se "Croatia: Natural stress relief". Não podia ter encontrado melhor definição para este País, que agora começa a despertar para o turismo e, estou certo, dentro de poucos anos será um destino muito procurado. Oxalá que, também ali, a mão do homem não destrua o que de tão belo a natureza criou.

O percurso de regresso à Eslovénia e Itália, foi feito pelo interior, permitindo-nos constatar o grande desenvolvimento que também se verifica na Croácia, nomeadamente em termos de infra-estruturas rodoviárias, com excelentes auto-estradas e longos túneis, de construção recente.

Chegamos à fronteira da Eslovénia pelas 13:30, atravessando, pouco depois, a fronteira Italiana, perto de Trieste.

Porque o calor era muito (38°), paramos para almoçar e descansar um pouco num "Auto-Grill", a caminho de Veneza, regressando à estrada com o intuito de tentar chegar ainda a Menton, no sul de França. Assim foi. Depois de atravessarmos todo o norte de Itália a bom ritmo, chegamos à Riviera Francesa pelas 21:00. Neste dia percorremos 1.215 kms, passando por quatro países (Croácia, Eslovénia, Itália e França), num total de 10 horas de condução, sendo que os últimos 150 kms, realizados entre Génova e Menton, foram extremamente exigentes em termos de condução, num percurso montanhoso cheio de curvas e contra-curvas e túneis, atravessados a uma velocidade apreciável por entre muito trânsito, obrigando a uma condução muito atenta e cuidadosa.

Chegados a Menton, já cansados, não conseguimos encontrar qualquer quarto de hotel disponível, certamente por ser Sábado. Depois de percorrermos desesperadamente diversos hotéis, a resposta era sempre a mesma: "complet". Valeu-nos uma simpática recepcionista de um hotel em Menton que conseguiu reservar-nos dois quartos noutra hotel, mas em San-Remo. Assim, e depois de jantarmos em Menton, regressamos à estrada para fazer uns curtos mas penosos 22 kms até San-Remo, ainda por cima em sentido inverso ! Chegamos finalmente ao Grand-Hotel di Londra, que parecia ter parado no tempo, mais precisamente na década de 60, eram já 01:00 hora da madrugada, bastante cansados mas satisfeitos. Afinal havia sido um dia pleno de emoções, tanto ao nosso gosto. Tomamos o pequeno-almoço na Croácia, almoçamos na Itália, jantamos em França e fomos dormir a Itália. Nada mais internacional !

13 ° dia – 19 de Junho – 938 kms

Depois de um merecido descanso, deixamos a bonita baía de San-Remo eram já cerca das 10:00 horas da manhã, sem antes parar para fazer a última revisão periódica às motos, nomeadamente o nível do óleo, fluido de refrigeração, óleo dos travões e pressão dos pneus, aproveitando também para reabastecer, pois a gasolina era um pouco mais barata em Itália.

Ao contrário do inicialmente previsto, decidimos rumar a Biarritz em vez de Irun, não só por ser um pouco mais perto mas também porque já havíamos ficado nesta cidade francesa, em 2003, aquando da nossa viagem à Noruega, e gostamos bastante desta conhecida estância balnear, e de surf, do Sudoeste de França.

Voltamos a atravessar a fronteira, passando novamente perto de Menton, Mónaco, Nice, Marselha e, finalmente, Montpellier, onde paramos para almoçar num restaurante de uma área de serviço, novamente sob um sol radioso mas um calor intenso (37°), eram cerca das 14:00 horas.

Retomamos a estrada, em direcção a Toulouse e depois a Biarritz, onde chegamos pelas 19:00, depois de percorridos mais 938 kms da fase final da nossa aventura.

Já perto de Biarritz e um pouco à semelhança do que acontecera na viagem à Noruega, assistimos à explosão de um turbo, desta feita de um automóvel e, felizmente, ao ar livre, em plena auto-estrada. De qualquer forma foi estranho deparar, subitamente, com uma enorme bola de fumo a circular a alta velocidade à nossa frente, sem percebermos bem do que se tratava. Ligamos os quatro piscas, chegamo-nos para o lado esquerdo da via e, só depois de ultrapassarmos a viatura (um modelo antigo do Renault Laguna), demo-nos conta do que realmente se tratava.

Certamente por ser Domingo e o tempo estar magnífico, cruzamo-nos também com muitos colegas motards, trocando até impressões com alguns "colegas de aventura" nas áreas de serviço, ao longo da auto-estrada.

Depois do revigorante duche e de um bom jantar, fomos ainda passear um pouco, a pé, pelo centro da cidade, na marginal junto à praia, até cerca das 23:00 horas.

Como o tempo estava escuro e frio em Biarritz, à cautela fui verificar, na Internet, as condições meteorológicas no Golfo da Biscaia, para verificar se, no dia seguinte seguíamos até La Coruña e Santiago de Compostela, os últimos destinos desta nossa viagem, ou se regressávamos directamente a Lisboa. Confirmada que estava a previsão de mau tempo também no norte de Espanha, decidimos regressar a Lisboa, para gáudio dos nossos filhos, que assim nos viam regressar um dia mais cedo.

14 ° dia – 20 de Junho – 1.006 kms

Pelas 8:30 da manhã deixamos o hotel Íbis em Biarritz (os nossos hotéis de estrada preferidos em termos de preço / qualidade), com rumo directo a Lisboa. O tempo estava muito escuro e um pouco fresco (18°). Deparamos até com alguns chuviscos ao passarmos perto da San Sebastian, no Norte de Espanha, cuja fronteira atravessamos pelas 9:00 horas. Como se já não bastasse o tempo desagradável, o muito trânsito que se fazia sentir nas estradas do Norte de Espanha, dificultou ainda mais este nosso longo regresso a Lisboa, fazendo-nos até tomar uma direcção errada em Burgos, perdendo cerca de 30 minutos até que o GPS nos colocasse de novo no rumo certo.

A partir de Burgos o Sol começou a surgir e a temperatura a subir rapidamente para mais dos 30°, continuando a aumentar até Portugal, onde chegamos a apanhar 40° perto de Castelo Branco.

Porque as saudades da boa gastronomia Portuguesa eram já muitas, optamos por forçar mais um pouco o andamento, atravessando a fronteira do nosso País, em Vilar Formoso, eram cerca das 13:00 horas locais (14:00 de Espanha), parando em Almeida, uma bonita vila rodeada de um imponente castelo, por onde havia passado umas semanas atrás,

aquando da participação no "7º Portugal de Lés-a-Lés". Depois de um saboroso almoço, tipicamente nortenho, regressamos à estrada, já com um calor insuportável, que todo o equipamento de segurança motard agrava ainda mais, obrigando-nos a parar com mais frequência para beber muita água, evitando-se assim alguma desidratação.

Perto de Castelo de Branco, onde se fazia sentir uns insuportáveis 40º, deparamos com um incêndio florestal de enormes proporções, cujo fumo cobria mesmo a auto-estrada A23 em que seguíamos. O fumo era tanto que, por momentos, o sol desapareceu e a cor da auto-estrada tornou-se acastanhada. Um cenário dantesco que nunca havíamos presenciado antes, com helicópteros de ataque a incêndio a rodopiarem por cima de nós.

Paramos para o último reabastecimento (gasolina e muita água) já perto de Portalegre, eram perto das 17:00, chegando finalmente aos apartamentos dos nossos filhos, nas Olaias, em Lisboa, eram cerca das 18:30.

Como sempre eles estavam muito satisfeitos por nos reencontrarem, não conseguindo esconder o habitual alívio ao nos verem regressar destas longas aventuras em duas rodas.

Assim foram os últimos 1.006 kms desta nossa inesquecível viagem à Croácia, num total de 7.477 kms percorridos em apenas 14 dias.

Com mais esta aventura, feita na sempre agradável companhia dos nossos bons amigos Teresa e Carlos Paz Ferreira (foi pena que a minha irmã Ani e o meu cunhado Manuel Carreiro, desta feita, não nos pudessem acompanhar), somamos já mais de 50.000 km percorridos por esta Europa fora, ainda que a meta seja chegar aos 100.000 km, se a saúde o permitir, claro !

Qualquer das motos, a Honda Pan-European ST 1300 do Carlos e a minha Yamaha FJR 1300/A não registaram qualquer problema técnico, confirmando assim a sua grande qualidade, conforto e vocação estradista. Não restam dúvidas que são autênticas devoradoras de quilómetros.

Estatística:

O melhor: A estadia na ilha de Brac e a visita a Dubrovnik

O pior: O incidente policial na Bósnia

Total de Kms: 7.477 (incluindo 798 kms na ilha de Brac)

Total de dias: 14

Consumo médio: 7,1 litros / 100 kms. A melhor média foi feita em Brac com 6,2 lts. / 100 kms.

Problemas técnicos: Nenhum

Custo total da viagem: Cerca de 3.500 euros por casal, incluindo a estadia em Brac.

Países visitados: Portugal, Espanha, França, Itália, Eslovénia, Croácia e Bósnia-Herzegovina

Este documento é parte integrante do site: <http://pierre.inazores.com>